

O Christianismo

JORNAL RELIGIOSO

FÉ

ESPERANÇA

CARIDADE

Assignatura

Ovar (anno)..... 600 reis
Pelo correio..... 700 »

Redacção e Administração, R.
da Graça—Ovar

Director—*Manoel Lopes Guilherme*
Proprietario e Adm.^{or}—*Placido Augusto Veiga*

Composição e impressão, *Typ. «Ovarense»*
—* Rua da Graça—OVAR *—

Annuncios

Por cada linha..... 50 reis
Repetição..... 25 »

Acceta-se collaboração desde que seja religiosa.

O Santo Sacrificio

I

Um thezouro inapreciavel

Imagina por um momento, amigo leitor, que tens um valiosissimo thesouro, ignorando que o tens. De que te servirá elle n'esse caso? De nada, absolutamente. Podendo dispôr de uma riqueza immensa, serás, não obstante, tão pobre como o mais pobre que houver no mundo. Passarás trabalhos e angustias; experimentarás necessidades de mil especies, e não poderás satisfazel-as; terás má casa, andarás mal vestido, comerás mal e viverás n'uma continua agonia. E tudo isto porque? Por ignorares que tens á tua disposição, no instante em que quizeres utilisal-o, um thesouro valiosissimo.

Eis aqui exposta, leitor, em poucas palavras, a situação de muitos, ou melhor, da immensa maioria dos christãos: teem á sua disposição um valiosissimo thesouro, e não podem aproveitar-se d'elle, porque nem sequer sabem o que teem. Podem dispor de uma riqueza immensa, e vivem, apesar d'isso, pobres e miseraveis, passando angustias e trabalhos e experimentando mil necessidades, que não podem satisfazer. E tudo porque? Já t'ó disse: porque ignoram que teem á sua disposição, no instante em que quizerem utilisal-o, um thesouro valiosissimo.

Este thesouro não pertence á classe d'aquelles que os ladrões desenterram e roubam, e a ferrugem e a traça corroem e

destroem; a sua mesma excellencia e perfeição o torna indestructivel e inatacavel, e é, além d'isso, de tal natureza, que áquelles que o possuem não podem arrebatá-l'os todos os poderes da terra e do inferno juntos. Este thesouro não é de ouro nem de prata, não é de perolas nem de brilhantes, nem de nenhuma outra substancia material: é de natureza espiritual, e vale infinitamente mais do que todos os thesouros do mundo.

Causa-te estranheza, leitor, esta affirmacão? Pois não t'a deve causar. O Salvador, que é a Verdade, disse com a sua divina bôcca que «não só de pão vive o homem»; e tambem: «Buscae primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por accrescentamento»; ensinando-nos com estas e outras muitas sentenças parecidas, nas quaes abunda o Santo Evangelho, que a vida principal que devemos desejar e procurar é a espiritual, a da alma, não a do corpo que *morre*, mas a da alma que *permanece*; e d'aqui aquell'outra sentença evangelica que encerra tudo o que n'este sentido se pode dizer: «De que serve ao homem ganhar todo o mundo se perde a sua alma?» Sentença cujo sentido é inteiramente o mesmo que o d'aquell'outra: «Uma só coisa é necessaria»; porque esta só coisa necessaria para o homem, de que falla o divino Salvador, não é nem mais nem menos do que a salvacão da alma.

Continua



A CRUZ

Pela cruz se nos deu clarissimo conhecimento da bondade, da misericórdia e da justiça de Deus, da excellencia da virtude, e da torpeza do peccado e de tudo o mais que pertence á nossa philosophia. Pela cruz nos mereceu o filho de Deus a primeira graça, com todas as outras que se requerem para a nossa salvação. Da virtude da cruz emanaram os sete mandamentos que são os remedios a todas as nossas necessidades e males. Que mais direi?

No mysterio da cruz achamos os grandes estimulos que lêstes para amar a Deus, esperar na sua misericórdia, temer da sua justiça e aborrecer o peccado que são as quatro coisas mais necessarias que ha na vida christã. Na Cruz achamos aquelles efficacissimos exemplos para todas as virtudes, especialmente para a humildade, para a obediencia, para a aspereza da vida, para a pobreza evangelica, e para o menosprezo do mundo e de todos os regalos do corpo. A cruz consola-nos em todas as enfermidades e angustias. A cruz dá-nos materia suave e copiosissima para meditar e accender o nosso coração em devoção e amor do Senhor, que tanto por nossa causa padeceu. Que mais direi? Confesso que me desconsolo de escrever tão poucas coisas d'este mysterio, onde ha tanto que dizer. Mas por aqui podem entender d'algu ma maneira quantas differenças de favores e soccorros vieram da Cruz, para seguirmos a virtude. Considerando estas coisas, exclama Santo Agostinho com muita razão:

—Oh! nome da Cruz, mysterio encoberito, e graça ineffavel. Oh! Cruz, que juntaste o homem com Deus, e o separaste do demonio que o tinha preso. Oh! Cruz, que cada dia representas aos fieis os louvores do cordeiro sem mancha, e desfazes o cruel veneno da antiga serpente com o licor do sangue de Christo e apagas o fogo da espada em braza, que defende a porta do Paraizo! Cruz que cada dia purificas e concordas as coisas da terra com as do céu e representas ao Padre Eterno a morte do

medianeiro a favor dos filhos da Egreja! Grande e profundo é o mysterio da Cruz e ineffavel o vinculo da caridade que com ella nos juntou a Deus. Por meio da Cruz trouxe Deus todas as coisas para si, porque elle é a arvore da vida, com que foi destruido o senhorio da morte que outra arvore nos trouxe.

E em outro sermão tambem da Cruz:

—Esta Cruz foi causa de bens innumereis. Livrou-nos dos erros, allumiou os que estavam nas trevas e zombou da morte. Foi ella a morte de inimizades, firmeza da paz e thezouro do todos os bens. Devido a ella é que não andamos descaminhados pelos desertos, pois por ella achamos o caminho da verdade, nem estamos desterrados do reino, pois entrámos n'ella pela porta real. Não temos já que receiar as settas do demonio, pois encontramos a fonte da vida com que as destruimos. Por ella não se podem já chamar ás almas viúvas, pois do céu veio o repouso.

Frei Luiz de Granada.



O suave milagre

(Conclusão)

Obed, tão rico, mandára os seus servos por toda a Galilea, para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Engamin; Septimo, tão soberano, destacára os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesarea. Errando, esmolando por tantas estradas, elle topára os servos de Obed, depois os legionarios de Septimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandalias rôtas, sem ter descoberto em que malta ou cidade, em que local ou palacio, se escondia Jesus.

A tarde cahia. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha.

A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, n'um murmurio mais leve que o roçar d'uma aza, pediu á mãe que lhe trouxesse esse Rabbi, que amava as creanças ainda as mais antigas. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

Oh filho! e como queres que te deixe, e me metta aos caminhos, á procura do Rabbi da Galilea? Obed é rico e tem servos e debalde buscaram Jesus, por areaes e collinas, desde Chorazin até ao pail de Moab; Septimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde Hebron até ao mar!

Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe, e a nossa dôr mora comnosco, dentro d'estas paredes, e dentro d'ella nos prende.

E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse atravez das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho, tão pobre, sobre enxerga tão rôta?

A creança com duas longas lagrimas na face magrinha, murmurou:

Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que queria sarar!

Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galilea, e curta a piedade dos homens. Tão rôta, tão tropega, tão triste, até os cães me ladrayam da porta dos casaes. Ninguém attenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O ceu o trouxe, o ceu o levou. E com Elle para sempre morreu a esperança dos tristes.

D'entre os negros trapos, erguendo as suas mãosinhas que tremiam, a creança murmurou:

Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança
Aqui estou.

Eça de Queiroz.



Vaidade do mundo

EXCELLENCIA DA VIRTUDE

(Conclusão do n.º 3)

Mas bem depressa se dissipa esta ridicula illusão; amanhã a morte nos fará partir pelo caminho dos outros, sem outra differença, que não seja a de algumas horas, que nos precederam aquelles que já foram, ou que se hão de demorar aquelles que cá ficam para irem depois de nós, e este intervallo, que nos separa da morte é tão curto, é tão instantaneo e repentino, que apenas o percebemos; sempre chega o seu termo quando menos o esperamos, e quando mais despercebidos estavamos d'elle; nunca suspeitamos que a vida passasse tão ligeira e que o tumulo estivesse tão perto de nós!

Assim passa o homem, como tudo o que é obra do tempo, que só tem um instante de vida e outro de morte e anniquilação: assim passa o homem; assim deixa de ser, como se nunca fosse um sonho a sua existencia e uma illusão a sua vida! Que restará pois brevemente de nós? Nem signal de que existimos: uma pouca de cinza fria, um pouco de pó, que jaz no sepulchro, e a final nem essa cinza, nem esse pó, nem as mesmas exalações da sepultura... que digo! nem o mesmo tumulo, nem o mesmo epitaphio, que quizeram nos sobrevivesse e que pareciam destinados para perpetuar alguma coisa de nós; porque a morte anniquilará tudo para apagar de todo a nossa memoria, para não deixar por onde passou o menor signal de vida, o menor vestigio d'existencia!

Ah! que pouco é o homem sobre a terra!

Que seria pois de nós, ou como deveríamos ser avaliados se não tivéssemos mais, que esta vida animal, que amanhã se ha de desfazer, se os nossos destinos não abarcassem uma eternidade! Que ente desprezível não seria então o homem! Como é pois vão, como é frívolo e ridiculo tudo o que nos apega á terra! Como é enganador este mundo, como é falso quando nos gaba seus bens como se fossem a nossa felicidade! Que chimera!

Se ha em nós um principio intelligente, que mede a extensão dos ceus e da terra, que ha de sobreviver-lhe e sahir intacto das suas ruinas para subsistir eternamente, que é todo o mundo em comparação d'elle? Que importa a uma alma destinada a viver na região da immortalidade, que tem por sorte, ou por herança uma eternidade, todos os bens da terra, todas essas felicidades imaginarias, que lhe offerece o mundo e que acabam com elle? Acaso podem felicitá-la? Em que relação está ella com o tempo, que perece; em que contacto com alguns palmos de terra que deixa para sempre?

Um ente immortal em si e em seus destinos, poderá ser felicitado por bens que o deixam n'uma nudez, ou n'uma deformidade eterna? Deverá correr apoz de sombras que passam?

Deverá edificar sobre a areia, que leva agua, ou que espalha pelos ares qualquer ligeira viração? Deverá levantar collossos sobre o nada e a sepultura? Deverá estender seus desejos e fixar por termo dos seus destinos algumas particulas de pó que se somem, algumas gotas d'agua que se evaporam, algumas faiscas que se extinguem, alguns vapores que se dissipam e em que se decompõe este universo! Um ente immortal em si e em seus desejos poderá ser satisfeito por alguns instantes de felicidade? Poderão saciá-lo os gosos d'um momento? Como é que tanto se degrada o homem, como se arrasta elle até á condição dos mais vis animaes? Como á semelhança do bruto é tudo para elle o momento presente, em que o seu instincto o leva á satisfação de seu appetite! Como se abate elle

tanto, como se faz tão rasteiro e tão abjecto como a terra que pisa! Como se esquece da sua dignidade, do seu nobre e sublime fim, d'essa immortalidade, que é o seu destino! Como destinado para o ceu se encaminha e se dirige elle todo para a terra? Como destinado para a vida futura, só cogita da presente? Como destinado para a immortalidade vae elle procurar a sua felicidade em bens que lhe são estranhos, que fogem e desapparecem com os despojos d'essa mortalidade, que pertence á terra d'onde sahiu, que, ou se tornam seus verdugos, ou tão inuteis, como se nunca existissem, como se nunca os tivesse gosado; e o que é mais ainda, como vai elle procurá-la no que ha de mais vil e desprezível, ou no que ha de mais torpe e criminoso! Como pretende elle encontrá-la desmentindo a Deus, contrariando seus designios, revogando seus decretos, abrindo um caminho diverso d'aquelle, que Deus lhe assignou como necessario para obtel-a? Porque não acredita elle em Deus? Porque trabalha contra si com tanta ancia e furor? Porque é tudo para elle um corpo que parece e pouco, ou nada um espirito, que lhe sobrevive? Porque razão cuida com tanto empenho d'uma fortuna, que acaba, e não reserva antes a sua ambição para engrandecer a sua alma, para ajuntar thezouros, que não perecem, que lhe grangeam honra e louvor eterno? Acaso uma terra, que passa, uma vida que se extingue, annos que fogem, annos que se anniquilam, riquezas que desapparecem, ventura que se perde, são objectos comparaveis á sua immortalidade, são vantagens que possam tentá-lo, são bens que o felicitem? Se a philosophia emprestasse os seus olhos á maior parte dos homens, ou lhes cahissem as cataratas que os cegam, elles envergonhar-se iam de si mesmo da triste figura que fazem, ou da grossa e ridicula illusão em que vivem; quero dizer elles veriam sem duvida que nada ha mais fragil, que as cadeias, que os prendem a tudo o que não é eterno.

A. V. C. S. S.

